

ARTIGOS

A formação do pedagogo: Quem são e o que dizem os alunos concluintes de um curso de pedagogia

Ana Silvia Moço Aparício

Celia Maria Haas

Elisângela Fregonezi Diniz Ribeiro

Maria de Fátima Ramos de Andrade

RESUMO: O presente texto se propõe a apresentar os resultados de uma pesquisa que teve como foco a investigação do significado de ser pedagogo para alunos concluintes do curso de Pedagogia. A temática surgiu das preocupações em torno do rumo que o curso de Pedagogia tomou após a publicação das novas Diretrizes Curriculares, que romperam com a identidade de um curso que formava o bacharel e o licenciado ao privilegiar a última formação e comprometeram a visão do que é ser pedagogo. A pesquisa se caracterizou como quantitativa e qualitativa na medida em que trabalhamos a aplicação de questionários com questões fechadas e abertas. Da análise realizada, constatou-se que os alunos acreditam na sua profissão como uma forma de contribuição para a melhoria da sociedade, escolheram a área porque gostam do que fazem e se sentem satisfeitos por isso.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Curso de Pedagogia; Pedagogo.

ABSTRACT: This paper aims to present the results of a survey that focused on the investigation of the meaning of being teacher for graduating students of Faculty of Education. The issue arose from concerns about the new direction that the Faculty of Education has taken the Faculty of Education after the publication of the new Curriculum Guidelines, which broke with the identity of a course that formed the bachelor and licensed by privileging the last training compromise the vision of being a pedagogue. The research is characterized as qualitative and quantitative in that work the questionnaires with closed and open questions. From the analysis, it was found that students believe in their profession as a way of contributing to the betterment of society chose the area because they like what they do and feel satisfied by it.

KEYWORDS: Teacher training; Faculty of Education; Pedagogue.

INTRODUÇÃO

Toda mudança acarreta consequências nem sempre previsíveis. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Licenciatura em Pedagogia foram uma proposta de reforma imposta que não atendeu, em muitos aspectos, ao que era esperado pelos professores, que, em última análise, são os responsáveis na sua implantação. Canário (2005, p. 93) afirma que “as reformas impostas ‘de cima’ produzem mudanças formais, mas, raramente, transformações profundas, duráveis e conformes com as expectativas dos reformadores”.

Dados de uma pesquisa que realizamos anteriormente já apontavam indícios fortes de descontentamento entre os alunos do último ano e entre os professores. Tais resultados e o contexto geral de diminuição do interesse por cursar Pedagogia, haja vista a diminuição de matrículas em diversas instituições de acordo com notícias informais de docentes a elas vinculados, é um sintoma que precisa ser verificado nas suas causas. Sabe-se que o interesse por um curso não depende apenas de sua proposta, e que talvez alguns outros fatores do contexto educacional e social estejam interferindo na escolha por cursar Pedagogia. Entre esses fatores pode-se encontrar a desvalorização crescente do pessoal do magistério, o que reforça a exigência da oferta de um excelente curso para os poucos que nele adentram e o que requer um conhecimento desses alunos. Toda essa reflexão conduziu à decisão de continuarmos pesquisando qual o significado de ser pedagogo para os alunos egressos do curso de Pedagogia.

Há muito tempo luta-se por uma escola de qualidade para todos. Isso, historicamente, faz parte do ideário de todo educador comprometido, desde os que se dedicam mais às pesquisas teóricas até os que desenvolvem sua prática cotidiana na escola. Lamentavelmente, a escola pública, apesar dos esforços de muitos, ainda não é “para todos” e não pode ser considerada “de qualidade”. Predomina nas análises feitas sobre ela e nos dados de avaliação a denúncia de suas mazelas e nada ou quase nada é indicado como sucesso. É inegável que a formação do educador influencia a sua prática.

Um estudo realizado pelas pesquisadoras Gatti e Barreto (2009), da Fundação Carlos Chagas, ofereceu um balanço da situação relativa à formação de professores para a educação básica no Brasil. A pesquisa analisou, por amostra representativa, a estrutura curricular e as ementas de 165 cursos presenciais de institutos de ensino superior. O estudo indicou que “as disciplinas referentes aos conhecimentos relativos à formação profissional específica pouco exploram seus desdobramentos em termos de práticas educativas”. E, também estacam que do total das disciplinas encontradas, mesmo as classificadas como voltadas à formação profissional específica, pelas ementas estudadas apontam que a “essa formação é feita de forma ainda muito insuficiente” (GATTI E BARRETO, 2009, p. 121).

O campo prioritário de atuação do pedagogo é a educação básica, logo é grande a necessidade de contar com pedagogos bem formados e dispostos a trabalhar em prol de mudanças na situação da escola de educação básica. Diante do contexto que expressa o desinteresse pelo curso, é preciso conhecer melhor o aluno que nele ingressa e oferecer a ele um curso que possibilite uma formação teórica sólida e que o desenvolva para que se torne um profissional competente e não frustrado nas suas expectativas.

Diante dessa problemática, decidimos realizar uma pesquisa com alunos concluintes da Pedagogia, propondo as seguintes questões: O que expressa o aluno sobre a sua decisão em se matricular e frequentar

o curso de Pedagogia? O que o motiva para tal? Quais são as suas expectativas? Qual o nível de satisfação com o curso? Será que os alunos mudam no decorrer do curso? O aluno da graduação em Pedagogia estimularia outros jovens a cursá-la?

Os participantes dessa pesquisa foram os alunos concluintes do curso de Pedagogia de uma universidade municipal do estado de São Paulo. O primeiro grupo, identificado como grupo 1, refere-se aos alunos concluintes de um curso de três anos, e o grupo 2 refere-se aos alunos concluintes do 4º ano, última turma de Pedagogia do período de quatro anos antes da nova Diretriz Curricular que permitiu a alteração da duração do curso para três anos. O grupo 1 está composto por 38 alunos e o grupo 2, por 22 alunos.

A metodologia utilizada foi de orientação quantitativa e qualitativa. A coleta dos dados foi realizada com a aplicação de questionários de questões objetivas e dissertativas aos dois grupos. A partir dessa coleta, fizemos também análise do conteúdo (FRANCO, 2007) das respostas escritas dos alunos a fim de enriquecer as análises interpretativas e obter informações mais gerais em relação ao próprio objeto da pesquisa.

RESULTADOS

Após a mudança promovida pela Resolução n. 1 de 2006, que instituiu as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia e centrou as atenções na formação de professores da educação básica e de gestores, consideramos essencial estudar como a Pedagogia se situa no cenário atual e qual o impacto dessa mudança nos futuros pedagogos. O aluno é o envolvido diretamente nesse cenário da formação de professores e, portanto, é aquele que pode apontar os pontos fortes e fracos do atual curso de Pedagogia. Segundo Gatti (2010, p. 1361), “é importante considerar as características dos licenciados, uma vez que estas têm peso sobre as aprendizagens e seus desdobramentos na atuação profissional. Quem são os alunos das licenciaturas? Quais expectativas têm e qual sua bagagem?”.

Como já apontamos na Introdução, a construção deste trabalho pautou-se em buscar no aluno concluinte de Pedagogia suas percepções, suas impressões a respeito do curso, os aspectos relevantes de sua formação e as perspectivas do exercício da profissão. Para tanto, buscamos também conhecer quem é esse aluno, quais são seus anseios e expectativas e por que ele escolheu tal curso e tal universidade. Para alcançar esse objetivo, elaboramos um questionário a fim de traçar o perfil socioeconômico, profissional e de trajetória escolar dos alunos. Os dados coletados nos permitiram fazer um trabalho extenso sobre as características dos alunos e um estudo que abrange aspectos importantes do curso de Pedagogia.

Quanto à idade dos participantes da pesquisa, na comparação entre os dois grupos, vemos que há uma diferença entre eles no que diz respeito à idade média. Enquanto o primeiro grupo apresenta idade média de 20 anos, o segundo traz idade média de 29 anos. No grupo 1, entre os 18 e 24 anos situam-se 57, 89% dos participantes; entre os 25 e 29 anos estão 23, 68% e entre os de 30 a 51 anos estão 18,42%. No grupo 2, entre os 18 e 24 anos situam-se 61,90% dos alunos; entre os 25 e 29 anos estão 14,28% e entre os de 41 a 67 anos estão 23,80%. Os dois grupos apresentam uma maior concentração de alunos na faixa dos 20 anos (81% do grupo 1 e 76% do grupo 2). Há um público bem diversificado no que diz respeito à idade, característica essa semelhante ao encontrado em outros cursos de Pedagogia pelo país. Se observarmos a idade dos alunos que realizaram o Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) de 2011 para o curso de Pedagogia, podemos constatar que a idade média é de 33,4 anos, conforme tabela 1:

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO ETÁRIO E SEXO EM % – MÉDIA DAS IDADES

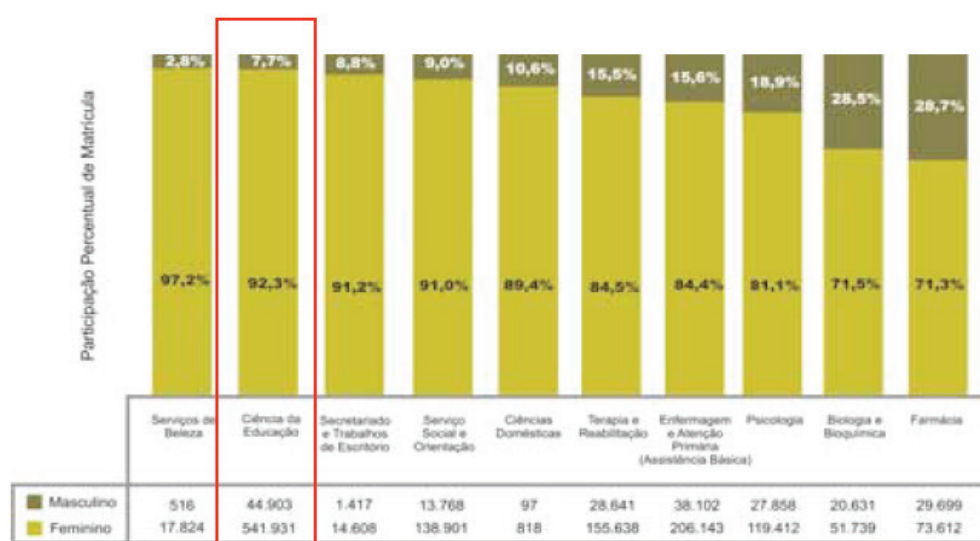
Sexo/idade	Sexo do inscrito		
	Total	Masculino	Feminino
Total	100,0%	6,6%	93,4%
Até 24 anos	19,3%	0,9%	18,4%
25 a 29 anos	21,4%	1,5%	19,9%
30 a 34 anos	19,3%	1,2%	18,1%
35 anos e mais	40,0%	3,0%	37,0%
Média	33,4	34,7	33,3
Desvio padrão	9,2	9,5	9,2

Fonte: MEC/Inep. Enade/2011.

No tocante ao sexo, observamos a predominância do sexo feminino no grupo 1 (100%) e a maioria no grupo 2 (90,91%). Esse dado é interessante porque mostra o quanto a profissão está ligada ao gênero. A mulher continua tendo presença marcante nos cursos de Pedagogia, enquanto a participação masculina se reduz a cada ano. Esse perfil pode ter uma característica histórica que coincide com a entrada da mulher no mercado de trabalho através dos cursos de magistério, e por ser a docência a única ocupação permitida às mulheres no início do século XX. Essa cultura se mantém até hoje no perfil dos alunos do curso, atualmente mais voltado para a formação de professores.

No gráfico abaixo, do Censo da Educação Superior de 2011, podemos comprovar que a área da educação é a que concentra mais alunos do sexo feminino, tendo uma pequena parcela de alunos do sexo masculino. Esse dado vai ao encontro dos dados que colhemos nessa pesquisa.

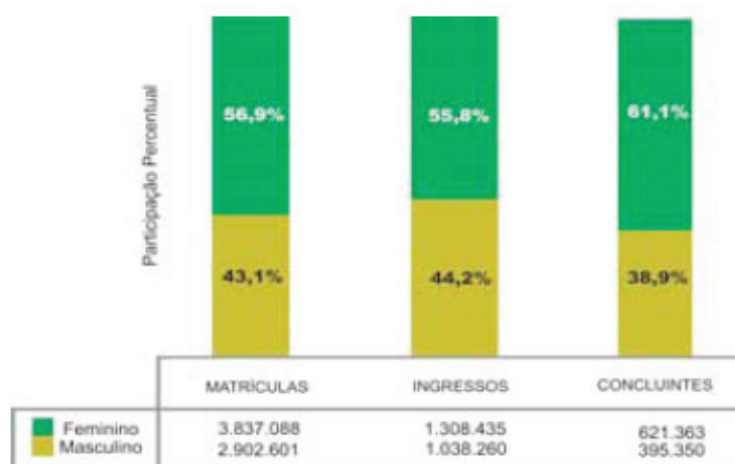
GRÁFICO 1 – DEZ ÁREAS DETALHADAS DE CONHECIMENTO COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE MATRÍCULAS DE GRADUAÇÃO, SEGUNDO O SEXO FEMININO



Fonte: INEP/MEC – Censo da Educação Superior 2011.

As mulheres também são maioria no ensino superior do Brasil, conforme mostra o gráfico 2, que ilustra que o sexo feminino representa 56,9% das matrículas, 55,78% dos ingressos e 61,1% dos concluintes.

GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DE MATRÍCULAS, INGRESSOS E CONCLUINTES DE GRADUAÇÃO SEGUNDO O SEXO



Fonte: INEP/MEC – Censo da Educação Superior 2011.

Quanto ao estado civil, tanto o grupo 1 (78,95%), quanto o grupo 2 (72,73%) apresentam uma maioria de alunos solteiros. Esse número pode estar ligado à faixa etária do curso, que agrupa a maior parte dos alunos na faixa dos 20 anos. Esse fator corrobora o item seguinte, que é o número de dependentes: no grupo 1 apenas 18,42% possuem dependentes e no grupo 2 temos 27,27%, o que também pode ser atribuído à faixa etária dos alunos, demonstrada por um público jovem.

Com relação à etnia, vemos que os dois grupos estão compostos por uma maioria branca (65,79% do grupo 1 e 77,27% do grupo 2), seguida pela parda e pela negra. Comparando esses números com o Enade 2011, podemos concluir que a maioria de alunos da cor branca é uma característica ainda predominante no curso de Pedagogia, conforme tabela abaixo:

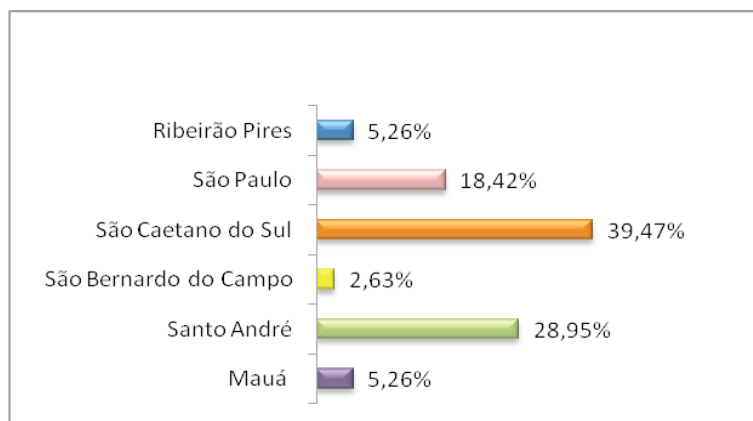
TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DA COR/ETNIA, SEGUNDO O SEXO DOS ESTUDANTES CONCLUINTES – PEDAGOGIA/LICENCIATURA

Cor/etnia	Sexo do inscrito		
	Total	Masculino	Feminino
Branco(a)	54,2%	2,9%	51,3%
Negro(a)	10,1%	1,0%	9,1%
Pardo(a)/ mulato(a)	33,7%	2,6%	31,1%
Amarelo(a) (de origem oriental)	1,3%	0,1%	1,2%
Indígena ou de origem indígena	0,7%	0,1%	0,6%

Fonte: MEC/Inep. Enade/2011.

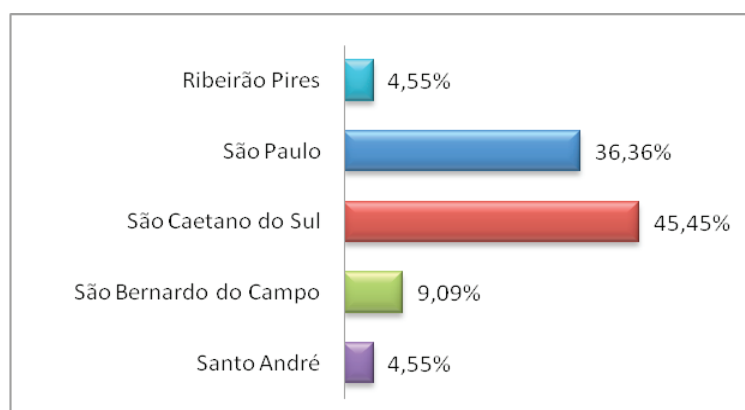
Quando analisamos o local de residência, vemos que os dois grupos apresentam resultados semelhantes: a maioria dos alunos mora em São Caetano do Sul, seguida pelo município de São Paulo. Outros municípios do ABC também aparecem, porém com uma porcentagem individual menor. Nos dois grupos, a maioria dos alunos vive com familiares.

GRÁFICO 3 – RESIDÊNCIA: GRUPO 1



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

GRÁFICO 4 – RESIDÊNCIA: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

A leitura dos dados sobre a vida escolar dos alunos é muito próxima dos resultados do Enade 2011. No grupo 1, 86,84% dos alunos concluíram o ensino médio em escola pública; já para o grupo 2 esse número é de 77,27%. A maioria dos alunos de Pedagogia do Enade 2011 também provém da escola pública, e, quando analisamos esse número com o foco da universidade, vemos que a maioria que estudou em escolas públicas hoje faz graduação em universidades privadas.

TABELA 3: DISTRIBUIÇÃO DO TIPO DE ESCOLA CURSADA NO ENSINO MÉDIO, SEGUNDO SEXO DE ESTUDANTES CONCLUINTE E CATEGORIA ADMINISTRATIVA DA INSTITUIÇÃO SENDO FREQUENTADA NO ENSINO SUPERIOR – PEDAGOGIA/LICENCIATURA

Tipo de escola cursada	Sexo do inscrito					
	Total		Masculino		Feminino	
	Categoria Administrativa da IES		Categoria Administrativa da IES		Categoria Administrativa da IES	
	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
Todo em escola pública	78,3%	81,9%	81,3%	80,2%	78,0%	81,9%
Todo em escola privada (particular)	13,2%	8,9%	10,5%	9,3%	13,5%	8,9%
A maior parte em escola pública	4,1%	4,6%	4,4%	5,6%	4,0%	4,6%
A maior parte em escola privada (particular)	2,4%	2,0%	2,6%	2,4%	2,4%	2,0%
Metade em escola pública e metade em escola privada (particular)	2,0%	2,6%	1,2%	2,5%	2,1%	2,6%

Fonte: MEC/Inep. Enade/2011.

Nos dois grupos analisados, a formatura do ensino médio ocorreu em 2008. No grupo 1, 76,32% dos alunos cursaram seu primeiro curso universitário, contra 59,09% do grupo 2. A diferença está no número de alunos que estavam fazendo a segunda graduação: no grupo 1 apenas 2,63% alunos, enquanto no grupo 2, 18,18% já possuíam outro diploma. A maioria afirmou querer continuar estudando após a formatura, manifestando o desejo de realizar pós-graduação na área de educação.

Quando lançamos o olhar sobre a escolaridade dos pais dos alunos, constatamos que, para os dois grupos, a maioria dos pais possui o ensino médio (tendo um empate entre o ensino médio e o fundamental incompleto no grupo 2). O superior completo e a pós-graduação ainda têm uma porcentagem tímida, demonstrando que boa parte desses alunos pertence à primeira geração de graduados na família. Podemos analisar esses dados de acordo com os resultados do Enade de 2011 para os alunos do curso de Pedagogia, que demonstram que a maioria dos pais possuíam até o ensino fundamental I, conforme tabelas 4 e 5:

TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DO GRAU DE ESCOLARIDADE DO PAI, SEGUNDO O SEXO DOS CONCLUINTE

Grau de escolaridade do pai	Sexo do inscrito		
	Total	Masculino	Feminino
Nenhuma escolaridade	14,7%	1,2%	13,5%
Ensino fundamental: 1º ao 5º ano (antiga 1ª à 4ª série)	51,7%	3,2%	48,5%
Ensino fundamental: 6º ao 9º ano (antiga 5ª à 8ª série)	11,8%	0,8%	11,0%
Ensino médio	15,8%	1,0%	14,9%
Ensino superior	4,9%	0,4%	4,5%
Pós-graduação	1,0%	0,1%	0,9%

Fonte: MEC/Inep. Enade/2011.

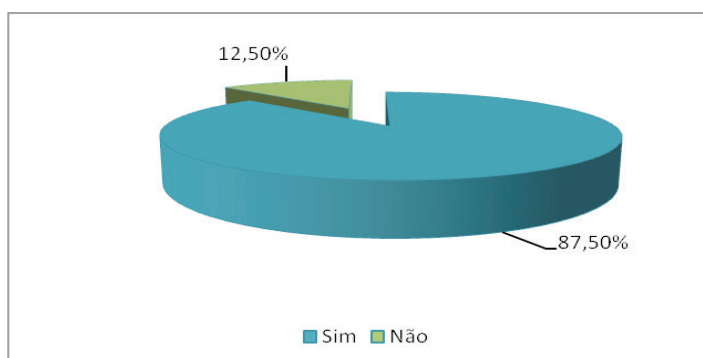
TABELA 5: DISTRIBUIÇÃO DO GRAU DE ESCOLARIDADE DA MÃE, SEGUNDO O SEXO DOS CONCLUINTES

Grau de escolaridade da mãe	Sexo do inscrito		
	Total	Masculino	Feminino
Nenhuma escolaridade	12,4%	1,0%	11,4%
Ensino fundamental: 1º ao 5º ano (antiga 1ª à 4ª série)	47,9%	3,0%	44,9%
Ensino fundamental: 6º ao 9º ano (antiga 5ª à 8ª série)	13,1%	0,9%	12,2%
Ensino médio	18,5%	1,2%	17,3%
Ensino superior	5,6%	0,4%	5,2%
Pós-graduação	2,5%	0,2%	2,3%

Fonte: MEC/Inep. Enade/2011.

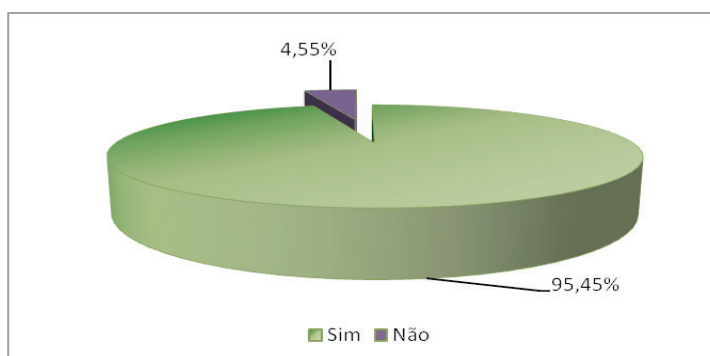
Quando entramos no perfil profissional dos alunos, tanto para o grupo 1 quanto para o grupo 2, a porcentagem de alunos que trabalham com educação é alta (73,53% no primeiro grupo e 90,48% no segundo).

GRÁFICO 5 – ALUNOS QUE TRABALHAM: GRUPO 1



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

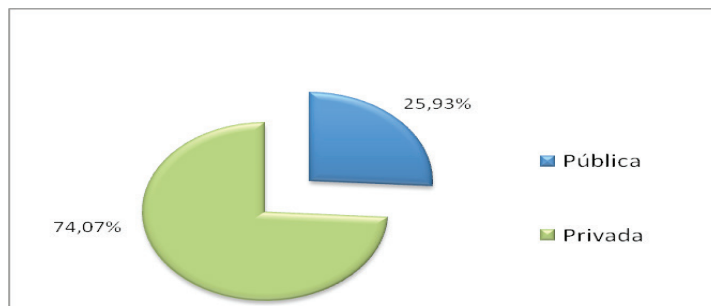
GRÁFICO 6 – ALUNOS QUE TRABALHAM: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

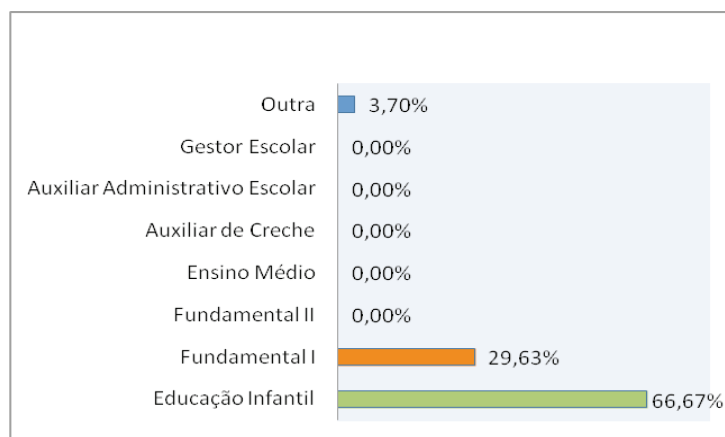
Desse número, a escola particular é a que mais emprega esses alunos (74, 07% no primeiro grupo e 57,14% no segundo). Quanto ao nível de ensino, a maioria atua na educação infantil (66,67% no primeiro grupo e 60% no segundo).

GRÁFICO 7 – TRABALHO EM ESCOLA PÚBLICA OU PRIVADA: GRUPO 1



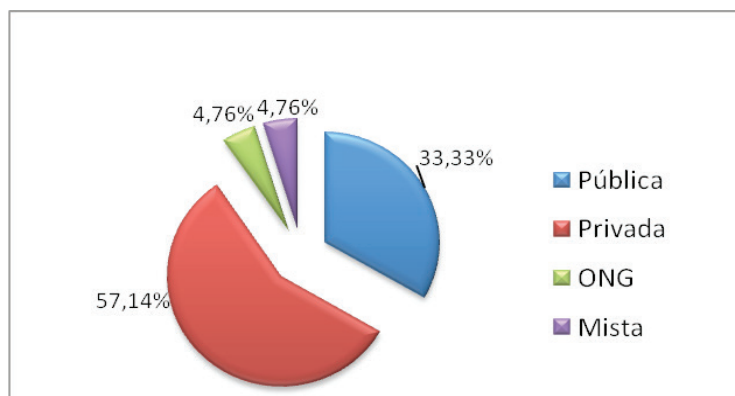
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

GRÁFICO 8 – NÍVEL DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: GRUPO 1



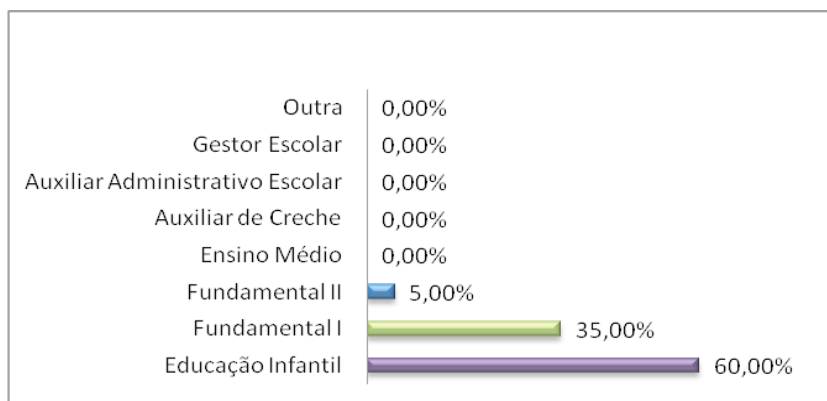
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

GRÁFICO 9 – TRABALHO EM ESCOLA PÚBLICA OU PRIVADA: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

GRÁFICO 10 – NÍVEL DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Ao analisarmos a carga horária da jornada de trabalho, vemos que a maioria, nos dois grupos, trabalha até seis horas por dia, e que eles conseguiram emprego através de testes e entrevistas (44,44% no grupo 1 e 60% no grupo 2). Quanto à contratação, 87,50% dos alunos do grupo 1 e 85,71% do grupo 2 foram contratados pela escola em que faziam estágio remunerado antes de concluir o curso. Isso mostra que a empregabilidade para quem começou como estagiário é alta.

A renda mensal é um tema preocupante na educação. Segundo o guia de consulta do Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP), o piso salarial para os professores está estabelecido da seguinte forma:

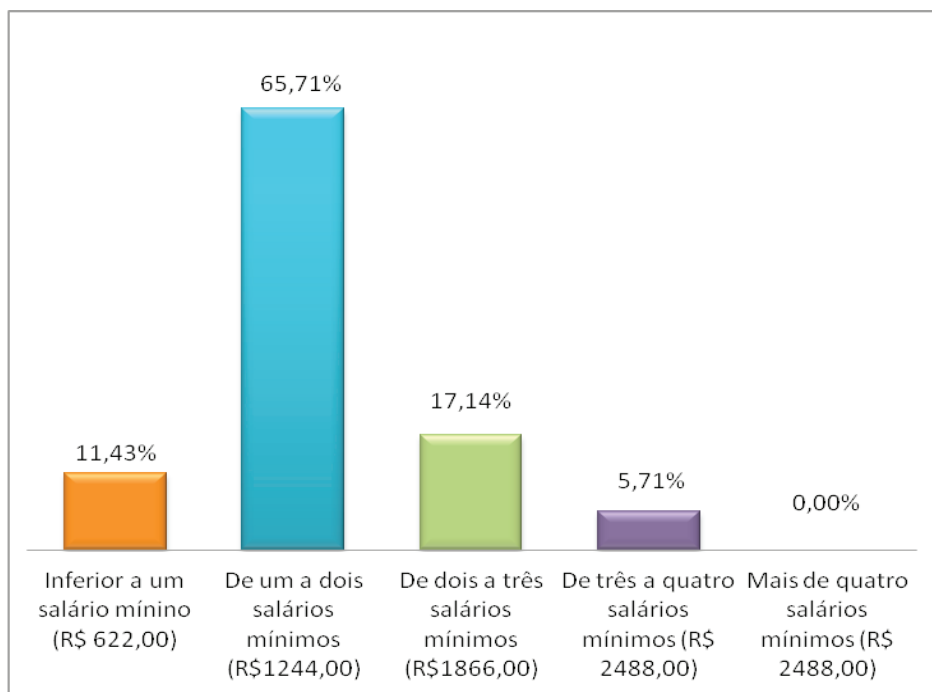
TABELA 6: PISO SALARIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Piso salarial na educação básica (válido a partir de 1º de março de 2013)	
educação infantil (em escolas que só possuem educação infantil)	R\$872,15*
educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental	R\$974,57*
6º ao 9º ano do ensino fundamental	R\$11,52**
ensino médio	R\$12,83** (diurno) R\$11,52** (noturno)
ensino técnico	R\$12,20**
pré-vestibular	R\$17,91**
* jornada semanal de 22 horas ** valor da hora-aula, com duração máxima de 50' (aula no período diurno) e 40' (no período noturno)	

Fonte: Sinpro/SP. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/guia_consultas.asp?mat=7.

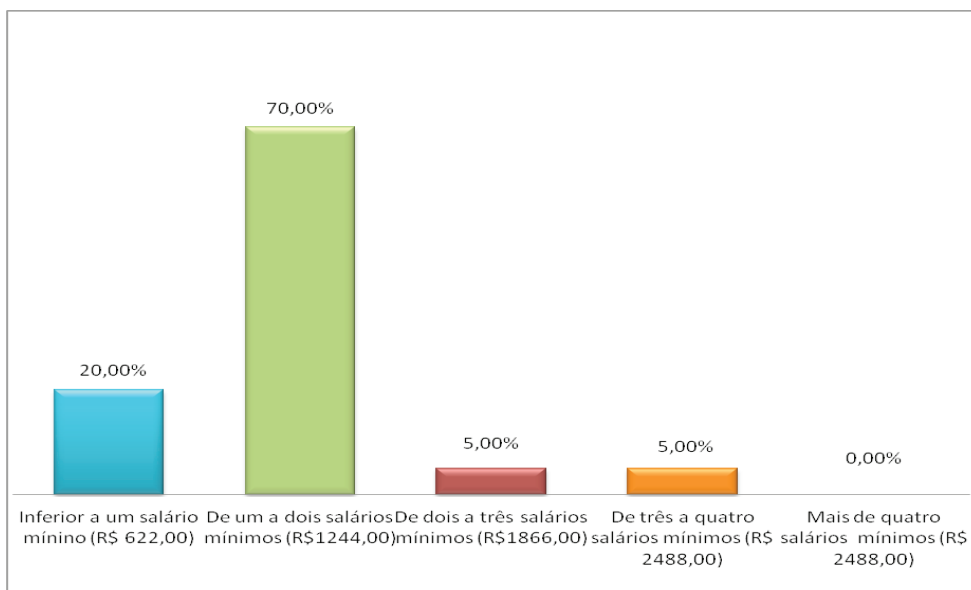
Se compararmos os números da tabela com os dados obtidos dos alunos, os números não diferem do piso salarial da tabela anterior. Como a maioria dos alunos dessa pesquisa trabalha na educação infantil, a faixa salarial que mais se destaca nos dois grupos é a de um a dois salários mínimos (65,71% no grupo 1 e 70% no grupo 2). Esse número coincide com o piso salarial proposto para professores da educação infantil.

GRÁFICO 11 – RENDA MENSAL: GRUPO 1



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

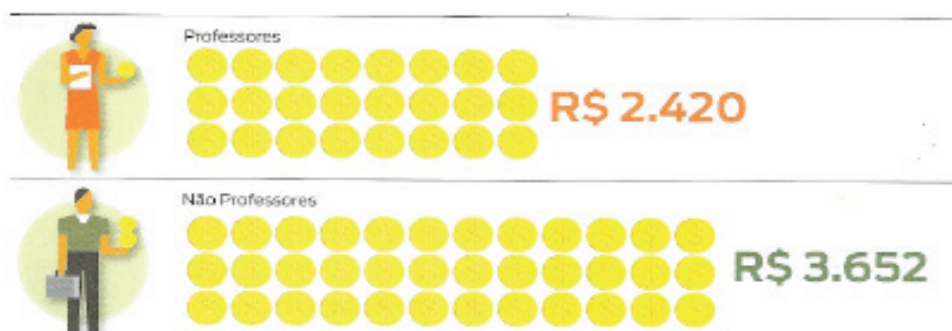
GRÁFICO 12 – RENDA MENSAL: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

É evidente que a remuneração docente encontra-se em desvantagem em relação a outras profissões no Brasil. Conforme figura abaixo, vemos que há uma defasagem do salário médio do professor da educação básica em relação a outras profissões:

FIGURA 1 – SALÁRIO MÉDIO NO BRASIL



Fonte: Revista Educação, n. 191, 2013, p. 38.

Quando inqueridos a avaliar a atuação profissional docente para os alunos licenciados (numa escala de 0 a 6, sendo 6 a maior nota), os grupos 1 e 2 deram as seguintes notas, respectivamente: 3 e 4 para o mercado de trabalho para o licenciado em Pedagogia; 6 para a atividade profissional em termos de importância social; 6 e 5 em termos de realização pessoal; 3 e 4 em termos de ganhos financeiros e 5 em termos de realização profissional.

Numa escala de 1 a 6 (6 melhor), como você avalia:													Total	Total %
	1	%	2	%	3	%	4	%	5	%	6	%		%
O mercado de trabalho para o licenciado em Pedagogia	0	0,00%	5	13,16%	14	36,84%	8	21,05%	9	23,68%	2	5,26%	38	100%
Sua atividade profissional em termos de importância social	1	2,63%	1	2,63%	5	13,16%	6	15,79%	3	7,89%	22	57,89%	38	100%
Sua atividade profissional em termos de realização pessoal	0	0,00%	1	2,70%	0	0,00%	6	16,22%	10	27,03%	20	54,05%	37	100%
Sua atividade profissional em termos de ganhos financeiros	8	21,62%	10	27,03%	13	35,14%	3	8,11%	3	8,11%	0	0,00%	37	100%
Sua atividade profissional em termos de realização profissional	0	0,00%	0	0,00%	4	11,11%	9	25,00%	12	33,33%	11	30,56%	36	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

TABELA 6 – AVALIAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E DA ATIVIDADE PROFISSIONAL: GRUPO 2

Numa escala de 1 a 6 (6 melhor), como você avalia:												Total	Total %	
	1	%	2	%	3	%	4	%	5	%	6	%		
O mercado de trabalho para o licenciado em Pedagogia	0	0,00%	0	0,00%	5	23,81%	7	33,33%	6	28,57%	3	14,29%	21	100%
Sua atividade profissional em termos de importância social	1	4,55%	1	4,55%	1	4,55%	5	22,73%	6	27,27%	8	36,36%	22	100%
Sua atividade profissional em termos de realização pessoal	0	0,00%	1	4,55%	2	9,09%	6	27,27%	9	40,91%	4	18,18%	22	100%
Sua atividade profissional em termos de ganhos financeiros	3	13,64%	5	22,73%	6	27,27%	7	31,82%	1	4,55%	0	0,00%	22	100%
Sua atividade profissional em termos de realização profissional	0	0,00%	1	4,76%	2	9,52%	6	28,57%	7	33,33%	5	23,81%	21	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Para avaliar seu preparo para enfrentar o mercado de trabalho após a conclusão do curso, os dois grupos deram nota 4 e 5, respectivamente. Freire (1991, p. 58) nos traz uma reflexão importante sobre o fato de o professor estar preparado ou não para o exercício da docência:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

De fato, o professor se faz na prática, no dia a dia do seu trabalho. Mas é importante que ele se sinta confiante em relação à sua preparação para o mercado de trabalho.

Quando questionados sobre suas prioridades em relação ao futuro profissional, a maioria dos alunos aponta o crescimento e o aprimoramento profissional, seguidos pela opção de cursar pós-graduação (dados semelhantes para os dois grupos, apenas com variação nas porcentagens). Apenas um aluno do grupo 2 manifestou desejo de exercer atividade de pesquisa.

Na visão dos dois grupos, trabalhar durante a graduação não prejudica o desempenho, pois eles podem combinar teoria e prática. Os estágios são fontes enriquecedoras, oportunidades para questionar a teoria e refletir sobre sua aplicação na prática. Pimenta (2008, p. 56) defende que o estágio

[...] envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola. [...] Envolve a habilidade de leitura e reconhecimento de teorias presentes nas práticas pedagógicas das instituições escolares. Ou seja, o estágio assim realizado permite que se traga a contribuição de pesquisas e o desenvolvimento das habilidades de pesquisar.

Em relação à escolha da universidade, a maioria dos alunos, nos dois grupos, apontou a proximidade da residência/trabalho. Já na avaliação da referida universidade, os alunos deram as seguintes notas: 3 e 5 para o relacionamento com a instituição; 6 para o relacionamento com os professores; 5 e 4 para a infraestrutura da universidade; 5 e 4 para a colaboração da instituição para sua formação e 4 e 5 para as propostas de palestras, oficinas e atividades (grupo 1 e 2, consecutivamente). Nos dois grupos tivemos uma maioria que afirmou ter boa integração entre professores e alunos, e que também tiveram um bom relacionamento com os colegas de classe.

Especificamente sobre o curso de Pedagogia, a maioria dos alunos, nos dois grupos, afirma que escolheu tal curso pela possibilidade de contribuição para a melhoria da sociedade. Eles avaliaram o curso escolhido com as seguintes notas: 5 para a formação teórica; 5 para a carga horária das disciplinas teóricas; 5 e 4 para a carga horária das disciplinas teóricas-práticas; 4 e 6 para a realização de estágio curricular obrigatório; 5 para os contatos realizados com os colegas do curso; 3 e 5 para os contatos profissionais que obtiveram durante o curso e 6 para a realização de Iniciação Científica ou experiência em pesquisa, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e a Bolsa Alfabetização (notas do grupo 1 e 2, consecutivamente).

TABELA 8 – AVALIAÇÃO DO CURSO: GRUPO 1

	Na escala de 1 a 6, como você avalia:												Total	Total %
	1	%	2	%	3	%	4	%	5	%	6	%		
Formação teórica do curso	0	0,00%	0	0,00%	5	13,51%	6	16,22%	22	59,46%	4	10,81%	37	100%
Carga horária das disciplinas teóricas	0	0,00%	2	5,41%	5	13,51%	7	18,92%	16	43,24%	7	18,92%	37	100%
Carga horária das disciplinas teórico-práticas	1	2,70%	2	5,41%	6	16,22%	9	24,32%	14	37,84%	5	13,51%	37	100%
Realização de estágio curricular obrigatório	1	2,70%	2	5,41%	5	13,51%	11	29,73%	7	18,92%	11	29,73%	37	100%
Contatos realizados com colegas de curso	0	0,00%	3	8,11%	5	13,51%	6	16,22%	14	37,84%	9	24,32%	37	100%
Contatos profissionais que obteve durante o curso	1	2,78%	3	8,33%	11	30,56%	10	27,78%	9	25,00%	2	5,56%	36	100%
Realização de Iniciação Científica e/ou experiência em pesquisa (PIBID, Bol	2	7,69%	1	3,85%	3	11,54%	5	19,23%	7	26,92%	8	30,77%	26	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

TABELA 9 – AVALIAÇÃO DO CURSO: GRUPO 2

Na escala de 1 a 6, como você avalia:														Total	Total %
	1	%	2	%	3	%	4	%	5	%	6	%			
Formação teórica do curso	1	0,00%	1	4,55%	2	9,09%	6	27,27%	10	45,45%	3	13,64%	22	100%	
Carga horária das disciplinas teóricas		0,00%	0	0,00%	2	9,09%	5	22,73%	9	40,91%	6	27,27%	22	100%	
Carga horária das disciplinas teórico-práticas		4,55%	1	4,55%	5	22,73%	8	36,36%	2	9,09%	5	22,73%	22	100%	
Realização de estágio curricular obrigatório		0,00%	2	9,52%	3	14,29%	8	38,10%	5	23,81%	3	14,29%	21	100%	
Contatos realizados com colegas de curso		0,00%	1	4,55%	2	9,09%	6	27,27%	9	40,91%	4	18,18%	22	100%	
Contatos profissionais que obteve durante o curso		0,00%	1	4,55%	3	13,64%	3	13,64%	12	54,55%	3	13,64%	22	100%	
Realização de Iniciação Científica e/ou experiência em pesquisa (PIBD, Bolsas)		2	9,09%	0	0,00%	2	9,09%	4	18,18%	4	18,18%	10	45,45%	22	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

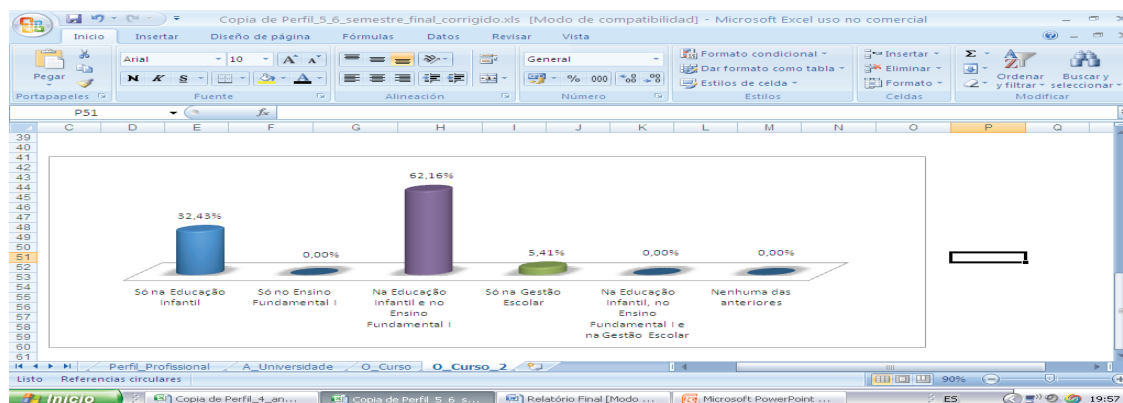
Já na avaliação das disciplinas do curso, tivemos os seguintes números: 6 para as disciplinas de fundamentos (Fundamentos da Educação; Educação e Cultura; Educação e Sociedade; História da Ideias Pedagógicas); 6 para as disciplinas de didática (Fundamentos da Didática; Didática e Formação Docente; Prática da Educação Infantil; Prática do Ensino Fundamental); 6 para as disciplinas de psicologia (Psicologia da Educação; Psicologia da Aprendizagem; Desenvolvimento da Educação Infantil e do Ensino Fundamental; Ação Educativa e Desenvolvimento Humano); 6 para as disciplinas de inclusão (Educação Inclusiva; Educação Especial e Libras); 6 para as disciplinas de metodologia (Alfabetização; Ciências; Educação Ambiental; Educação de Jovens e Adultos; Matemática; Expressão e Movimento; Língua Portuguesa; História; Geografia; Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil; Artes); 6 e 5 para as disciplinas tecnológicas (Linguagens e Mídias na Educação; Educação e Novas Tecnologias); 6 e 5 para as disciplinas de gestão (Política e Organização da Educação Básica; Gestão Escolar); 6 e 5 para os projetos interdisciplinares (Múltiplas Linguagens e Mídias; Investigação Pedagógica; Investigação em Educação); 6 para os estágios (Gestão Escolar; Educação Infantil; Ensino Fundamental); 6 e 5 para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); e 4,5 e 6 (empate) para as Atividades Acadêmicas Curriculares (AACC) – notas do grupo 1 e 2, consecutivamente.

Ainda sobre as disciplinas, quando questionados se elas foram interessantes, a maioria dos alunos, nos dois grupos, informou que sim. Apenas o grupo 1 teve disciplinas em modo de ensino a distância (EaD) e, para eles, o conteúdo dessas disciplinas também foi suficiente.

A maioria, nos dois grupos, também afirmou que as disciplinas estavam integradas entre si. Nos dois grupos os alunos defenderam que houve relação entre as disciplinas estudadas e o exercício da profissão, fator importante para concluirmos que houve uma aproximação entre a teoria e a prática. Eles também demonstram que se sentiram motivados durante o curso e que suas expectativas foram alcançadas.

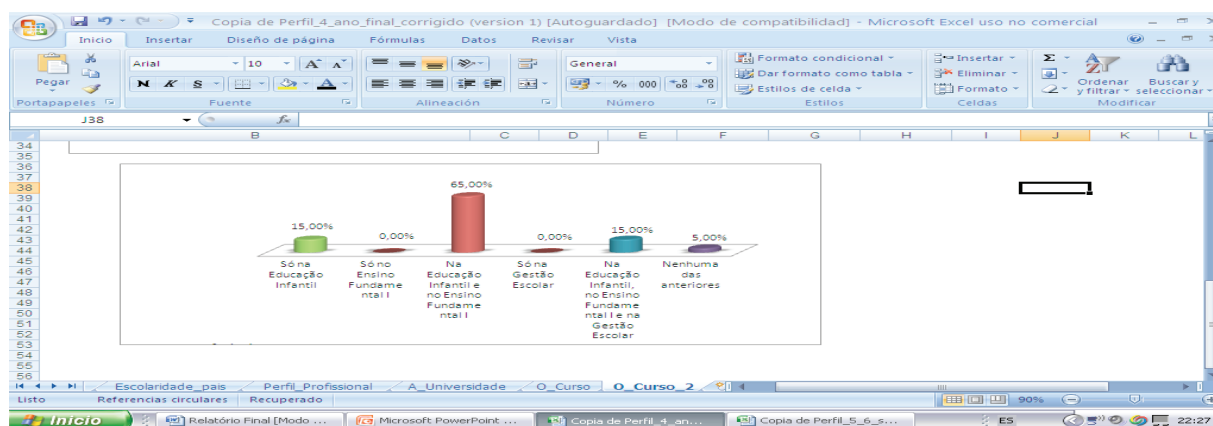
É interessante conhecer o que os alunos pensam sobre o seu preparo para trabalhar nos diferentes níveis da educação básica. Tivemos respostas diferentes entre os grupos: o grupo 1 se diz preparado para atuar principalmente na educação infantil, enquanto o grupo 2 afirma estar preparado para atuar na educação infantil e no ensino fundamental I. Enquanto no grupo 1 não temos alunos que se acham preparados para trabalhar nos dois níveis citados anteriormente incluindo a gestão escolar, no grupo 2, 15% dos alunos afirmam estar preparados para esse desafio.

GRÁFICO 13 – NÍVEL DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM QUE OS ALUNOS SE SENTEM PREPARADOS PARA ATUAR: GRUPO 1



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

GRÁFICO 14 – NÍVEL DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM QUE OS ALUNOS SE SENTEM PREPARADOS PARA ATUAR: GRUPO 2



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

A partir da proposta das novas Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia, questionamos se os alunos acreditam que houve equilíbrio entre a formação do professor e a do gestor, e a maioria, nos dois grupos, respondeu afirmativamente.

Sobre as atividades extracurriculares, a maioria do grupo 1 afirmou não ter participado dessas atividades, contrastando com as respostas do grupo 2, em que a maioria afirma ter participado. No quesito horário do curso e duração das aulas, tanto o grupo 1 quanto o grupo 2 afirmou que ambos aspectos foram suficientes.

Entrando na questão da identidade do pedagogo, também buscamos conhecer como o aluno está pensando na sua atuação profissional. Historicamente, a concepção do pedagogo está ligada à educação e não é raro limitar seu campo de trabalho apenas à escola. Entretanto, o pedagogo não se limita ao professor, mas abrange a pesquisa e a reflexão sobre a educação em vários âmbitos, não só na escola. Apoiados por essa ideia, procuramos investigar como os alunos veem o mercado de trabalho para o pedagogo. No grupo 1, os alunos posicionaram a empresa em primeiro lugar e a escola, em segundo. Já no grupo 2, a maioria entende o lócus de atuação do pedagogo como sendo a escola, seguida pela empresa. É

interessante observar que os dois grupos fazem parte da mesma universidade e pontuam essa atuação profissional de forma diferente.

Após a análise de todos os argumentos e a comparação entre os dois grupos, podemos concluir que, ainda que com divergências em várias respostas, os alunos dos dois grupos estão seguros em relação ao seu futuro profissional e à carreira que escolheram. A maioria afirma ter interesse em buscar mais conhecimentos nessa área e desenvolver-se profissionalmente. Confiam na teoria que receberam e, através dos estágios, acreditam ter respaldo para aperfeiçoar a prática. Eles avaliam positivamente o seu período de formação e não temem os desafios da profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente o curso de Pedagogia passou por muitas modificações. Regulamentado pela primeira vez nos termos do Decreto-Lei n. 1.190/1939, foi definido como lugar de formação de “técnicos em educação”. Segundo Brito (2006, p. 1),

[...] estes eram, à época, professores experientes que realizavam estudos superiores em Pedagogia para, mediante concurso, assumirem funções de administração, planejamento de currículos, orientação à professores, inspeção de escolas, avaliação do desempenho dos alunos e dos docentes, de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da educação, no Ministério da Educação, nas secretarias de estado e dos municípios.

Com a promulgação dos pareceres seguintes (CEF n. 292/1962 e CEF n. 252/1969) e a partir dos anos 1980, começaram as reformas curriculares do curso de Pedagogia a fim de formar professores para atuarem na pré-escola e nos anos iniciais do ensino fundamental. Posteriormente, com a extinção dos cursos de magistério, a formação do docente recaiu sobre o curso de Pedagogia, que perdeu o seu caráter técnico proposto para especialização ou pós-graduação.

Todas as essas mudanças fizeram com que o perfil do aluno também mudasse ao longo do tempo. Se antes tínhamos alunos especialistas no curso, hoje temos alunos que buscam uma formação docente.

Temos alguns estudos disponíveis que analisam a trajetória do curso de Pedagogia e o público que o frequenta (GATTI, 2009). Hoje, com a crise no sistema educacional e a queda abrupta no número de interessados na carreira, faz-se urgente traçar o perfil desses discentes, suas perspectivas e motivações profissionais. O atual curso de Pedagogia deve dar conta de formar esse profissional com todos os requisitos necessários para o exercício da profissão, a fim de poder proporcionar uma educação de qualidade nas escolas de educação básica, o que é um direito de todos.

Com o objetivo central desta pesquisa, que era o de analisar o perfil do aluno concluinte de um curso de Pedagogia e o seu preparo para o mercado de trabalho, podemos concluir que eles acreditam que a sua profissão é uma forma de contribuição para a melhoria da sociedade, que escolheram a área porque gostam do que fazem e que se sentem satisfeitos por isso.

Quando vemos o interesse da maioria dos alunos em ter uma formação continuada e a manifestação do desejo de realizar pós-graduação na área, percebemos que eles se sentem motivados a continuar trilhando esse caminho. Embora a maioria reconheça que a remuneração inicial não é atrativa, eles pensam em seguir se especializando para alcançar o patamar desejado.

A maioria dos alunos se autoavaliou positivamente, e avaliou também a universidade, os professores, as disciplinas cursadas, a profissão e estabeleceu relação entre o conteúdo estudado e a prática pedagógica. Essa ponte entre a teoria e a prática é fundamental para o pedagogo conseguir desempenhar bem o seu papel.

Tardif (2002, p. 258), ao definir o que seria a epistemologia da prática profissional docente, entre outros aspectos, aponta que os pesquisadores universitários, ao realizarem seus estudos sobre a prática educativa, deveriam

[...] sair de seus laboratórios, sair de seus gabinetes na universidade, largar seus computadores, largar seus livros e os livros escritos por seus colegas que definem a natureza do ensino, os grandes valores educativos ou as leis da aprendizagem, e ir diretamente aos lugares onde os profissionais do ensino trabalham, para ver como eles pensam e falam, como trabalham na sala de aula, como transformam programas escolares para torná-los efetivos, como interagem com os pais dos alunos, com seus colegas, etc.

Nesse sentido, para Tardif (2002), as pesquisas deveriam buscar uma aproximação com os espaços escolares com a intenção de compor um repertório de conhecimentos para a formação de professores. Segundo o autor, o discurso da universidade ainda está mais voltado para o que o professor deveria ser ou fazer do que para o que ele faz e por que o faz.

Como sabemos, a identidade docente é construída tanto ao longo da trajetória pessoal quanto da profissional. Assim, a história de vida do aluno, o modo como o curso de Pedagogia foi realizado, os estágios e as suas vivências colaboram na construção do que significa ser professor. Para Pimenta (2008, p. 62), é “no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe legitimar”: E, a autora complementa afirmando que:

[...] uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão das tradições. [...] Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (PIMENTA, 2008, p. 67).

O envolvimento do estudante nos desafios da realidade da educação escolar o leva a pensar em sua formação e, ao mesmo tempo, exige a definição de um caminho pedagógico que o conduza à *práxis* educativa. Como vimos, a profissão é valorizada pelos sujeitos da nossa pesquisa, os quais irão às escolas para aplicar e aperfeiçoar o que aprenderam nessa graduação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, H. M. P.; HAAS, C. M.; ARAUJO, R. M. B. Relatório final de pesquisa. *O Significado de Ser Pedagogo para os Alunos do Novo Curso de Pedagogia, licenciatura*. São Paulo, 2011 (Mimeografado).

BRASIL. Resolução CNE n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial da União*, Brasília, 15 mar. 2006.

BRASIL. *Censo da Educação Superior*, INEP/MEC, 2011.

BRASIL. *Exame Nacional de Cursos – Enade 2011*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2011.

BRITO, R. M. de. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil. *Revista Dialógica, Amazonas*, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2006. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.

CANÁRIO, R. *O que é a Escola? Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto, 2005.

CASTRO, A. T. K. A.; SALVA, S. Estágio como espaço de aprendizagem profissional da docência do curso de Pedagogia. In: Anped Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Ed. da EDUCS, 2012. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/532/437>>. Acesso em: 15 out. 2013.

CRUZ, G. B. da. Teoria e Prática no curso de Pedagogia. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 149-164, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop230.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. 2. ed. Brasília: Livro Livro, 2007.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>>.

GATTI, B. A. Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, out./dez. 2010.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores – unidade teoria e prática?*. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, S. G. (Org). *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2008.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.